

# Dada a partida para a sucessão no DF

ANA PAULA MACEDO e  
ELIANE OLIVEIRA

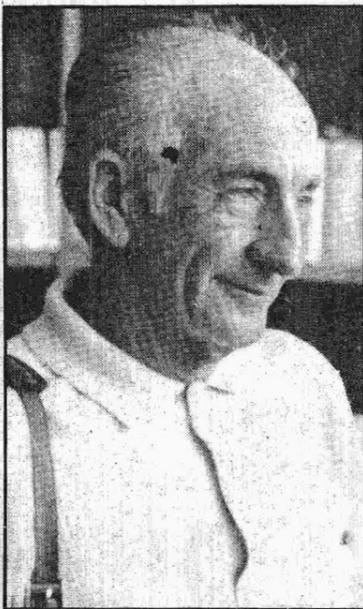
Não há tempo para descanso. Após a batalha das eleições presidenciais, os partidos políticos já começam a se articular para a primeira eleição direta ao Governo do Distrito Federal, em 3 de outubro próximo. O governador Joaquim Roriz, apontado como favorito na disputa, ainda não se decidiu pelo DF ou Goiás. Nem pelo PMDB ou PRN. A previsão é a de que, candidato, Roriz teria o apoio de diversos partidos de centro-direita. Já os chamados progressistas pensam na possibilidade de formar uma Frente Democrática. Por enquanto, lançam nomes individualmente como os do professor Lauro Campos e do senador Maurício Corrêa. Definição mesmo, só em maio, após as convenções parti-

dárias, mas o provável é que PT e PDT tenham candidaturas próprias.

Dada a largada para a corrida às urnas, ainda não se sabe sequer quem ocupará o Palácio do Buriti a partir da posse do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, em 15 de março. Os mais cotados são os empresários Paulo Octávio, articulador da campanha de Collor na cidade, Luís Estevão Neto, além de os ex-secretários do GDF, Carlos Murilo e José Carlos Melo, além de o atual vice, Wanderley Vallin. Há quem arrisque, porém, num jovem e bem sucedido empresário, sem pretensões políticas imediatas.

Começando a se acostumar ao exercício do voto, os brasilienses irão eleger, além do novo governador e seu vice, os 24 membros da primeira Câmara Legislativa do DF.

FOTOS: ARQUIVO



Lauro Campos, do PT, e Maurício Corrêa, do PDT, disputam separados, na esquerda, a vaga com Roriz

## Roriz entre Brasília e Goiás

A disputa entre Goiás e DF pelo lançamento do nome de Joaquim Roriz a governador, iniciada há cerca de dois meses, promete esquentar ainda mais. E graças à indefinição do chefe do Executivo brasiliense, que se diz ligado emocionalmente às duas localidades. Roriz não sabe nem se deixará o PMDB pelo PRN ou outro partido e coloca em dúvida até a data de sua saída do GDF: se no dia 15 de março ou antes disso, para entrar firmemente numa campanha.

No Distrito Federal, o PMDB mantém, informalmente, a intenção de lançar o governador como candidato do partido. Mas o PRN, como já era previsto, também o quer. Afinal, Joaquim Roriz goza de grande popularidade e seria um nome forte para combater o candidato do PT. Os partidários de Fernando Collor de Mello sabem que os brasilienses têm preferência pelos partidos de esquerda, o que foi comprovado na eleição presidencial.

### CEDO

De qualquer forma, na opinião de Roriz, "político não pode descartar nada", referindo-se a um provável ingresso no PRN. "Trata-se de uma decisão difícil", comenta, desta vez sobre a escolha entre Brasília e Goiás. No primeiro caso, é ainda cedo para qualquer definição. O governador prefere aguardar as medidas do novo presidente da República, que serviriam como termômetro para sua opção.

A ansiedade dos políticos goianos, filiados ao PMDB, surgiu quando o ministro da Agricultura, Iris Rezende, deixou clara sua intenção de disputar a vaga do

senador Mauro Borges (PDC/GO), nas próximas eleições, frustrando a expectativa à candidatura ao Palácio das Esmeraldas. Como alternativa, Roriz sairia como candidato a governador. Adhemar Santillo, irmão de Henrique Santillo, seria seu vice, e o atual governador concorreria a uma cadeira na Câmara dos Deputados.

Quando ao convite feito ao governador pelo presidente do PRN-DF, Gil Guerra, quinta-feira à noite em Águas Claras, talvez a maior insatisfação parta da deputada Márcia Kubitschek (PRN-DF), que já declarou ser uma honra disputar o governo da cidade que seu pai, Juscelino, fundou. Ontem, ela avaliou o fato como "mal entendido", porque estava viajando quando o encontro aconteceu e só ficou sabendo a notícia pela imprensa. Afirmou que o nome de Roriz é uma boa escolha, mas aguardava, no final da tarde, a visita de Gil Guerra.

Além do PRN e PMDB, Joaquim Roriz também chama a atenção de partidos denominados de centro-direita, que se dizem dispostos a uma coligação para eleger o atual governador pelo voto democrático. Sem candidatas oficiais, o PL, PDC e PDS se interessam por Roriz. O mesmo ocorre com o PFL e PTB, embora os comentários sejam de que Osório Adriano e o deputado Valmir Campelo pretendam se candidatar ao Palácio do Buriti. O PMDB tem convenção regional marcada para 6 de maio próximo, visando à renovação do diretório. Só após essa data haverá a escolha dos candidatos a governador, vice, senador, deputados federais e distritais.

## Região já desenha um novo perfil

Dividindo o Distrito Federal em seis regiões eleitorais, o diretor da Soma — Opinião e Mercado, Ricardo Penna, sustenta que a dinâmica urbana, ou seja, o crescimento da cidade, merece muita atenção. Com o "crescimento assustador do custo de moradia", que vem obrigando muitas pessoas a deixar o Plano Piloto para morar em satélites próximas, já há uma sintonia entre as Asa Sul e Norte com o Cruzeiro, Octogonal e Guarã. "Um mesmo corte, perfil médio, com faixas de renda semelhantes", avalia, acrescentando que estas três zonas contam com cerca de 40 por cento do eleitorado e "podem decidir uma eleição".

Uma segunda região seria composta exclusivamente pelo Núcleo Bandeirante, reduto dos pioneiros. Lá, a situação, até a eleição de 1986, era, no mínimo, interessante. Na época com uma população de 22 mil habitantes, o Núcleo tinha um eleitorado de 21 mil 600 pessoas.

Ceilândia também tem uma característica especial. "Situação carente, dividida em subempregados, desempregados e pessoas no setor informal", analisa. "Mais parecida com cidades", Taguatinga é outra região, conforme os estudos de Penna, sobretudo pelas disparidades constatadas.

## Deputados vão dar maioria para a cidade

Desde 1986, quando foi formada a primeira bancada do DF no Congresso, Brasília, deixou de ser apenas o centro do poder, ganhando vida política. Este ano, o brasiliense vai exercer ainda mais o direito de voto, escolhendo em dois turnos, o governador e o vice. Além disso, elegerá um senador, oito deputados federais e 24 deputados distritais. Como a Câmara Legislativa do Distrito Federal só ficará pronta na segunda quinzena do próximo ano, esses últimos, a serem empossados em janeiro de 1991, deverão trabalhar em local provisório, provavelmente no Centro de Convenções.

Para a construção da Câmara, situada no Setor de Indústrias Gráficas, em frente ao Tribunal de Justiça, estão alocados NCZ\$ 50,1 milhões, registrados na Lei Orçamentária do DF. São 21 mil 800 metros quadrados de área construída, onde os deputados distritais terão como principal função elaborar a Lei Orgânica, servindo como constituição estadual. Há ainda o Plano Diretor do DF, debatido por vários setores da sociedade desde meados de 1989.

### NOMENCLATURA

O deputado distrital está para o estadual, possuindo status idêntico. A denominação foi dada por convenção, devido, principalmente, à localidade onde atuará, o Distrito Federal. Vale lembrar que o DF acumula competência de estado e municípios, para efeito de prestação de serviços e arrecadação de impostos.

Segundo o artigo 27 da Constituição, o número de deputados à Assembléia Legislativa — Câmara, no nosso caso — corresponderá ao triplo da representação do Estado na Câmara dos Deputados. Assim, os 24 distritais estão para os oito federais. É bom ressaltar, no entanto, que a hipótese de ser apresentada lei complementar específica para o DF não está descartada.

O anteprojeto arquitetônico da Câmara Legislativa é de autoria do arquiteto Luís Mauro Freire, de 23 anos, um ano de formado, residente em São Paulo. Ele venceu um concurso realizado a nível nacional. O prédio será o primeiro de Brasília a ser projetado fora do eixo Oscar Niemeyer-Lúcio Costa.

## Legislativo, disputa acirrada

A partir de março, os partidos começarão a lançar nomes para o Executivo local e o Legislativo. Há algumas questões a serem definidas, que não estão na Constituição, como a desincompatibilização para a candidatura à Câmara Legislativa. Um secretário do GDF, por exemplo, não sabe se poderá continuar na pasta durante este ano e concorrer, em 3 de outubro próximo, às eleições.

Sem a mesma tradição política de outras capitais, Brasília assiste às articulações partidárias, às discussões que precederão o pleito e começa a conhecer ou reaver nomes de figuras conhecidas, ansiosas por uma vaga. Não serão poucos os candidatos para os mais de 800 mil eleitores.

### GOVERNO

Cabe ao governador Joaquim Roriz decidir se irá ou não concorrer ao governo do DF ou ao Senado. Mas, para o Congresso Nacional e à Câmara Legislativa, eventualmente são lembrados alguns auxiliares de Roriz que, embora não confirmem, podem perfeitamente se candidatar. O secretário de Desenvolvimento Social, João Ribeiro, possui bastante popularidade e tem bom acesso entre as lideranças comunitárias.

Ruben Fonseca, secretário do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, pela atuação no decorrer do ano passado da pasta da qual é titular, poderia vir a se candidatar. O secretário de Saúde, Milton Menezes, não gosta de falar sobre o assunto. Dizem, porém, que há boas possibilidades de disputar algum cargo. Não

deve ser esquecido, além disso, o diretor-executivo da Fundação do Serviço Social, Willams Cavalcante, se for levado em conta seu trabalho no Programa de Assentamento.

Entre as lideranças comunitárias, Gilson Araújo, da Associação dos Moradores do Paranoá, Euclides Ferreira, de Taguatinga, e Ipaminona Rodrigues, da Ceilândia, poderão sair candidatos a deputados distritais. Segundo políticos da cidade, a Câmara é o local preferido do segmento.

Nomes que têm se projetado na área sindical, como o do presidente do Sindicato dos Rodoviários, Pedro Celso, Lúcia Carvalho, do Sindicato dos Professores, e Maria José da Conceição, dos Médicos, também são lembrados. O presidente da CUT-DF, Chico Vigilante, já deixou claro que vai disputar uma vaga na Câmara dos Deputados.

Além dos parlamentares que entregarão o cargo este ano — certamente a maioria quer dar continuidade às suas atividades políticas — existem os que não conseguiram votos suficientes para se eleger em 1986, como o empresário Lindberg Azis Coury, filiado ao PMDB, e Marco Antônio Campanella, da Executiva Regional do partido. Múcio Athayde, que não teve sorte por problemas de ordem jurídica, há três anos, e viu seu partido, o PMB, acabar antes do primeiro turno da eleição presidencial, poderá sair por outra legenda. Entre os empresários, o nome de Paulo Octávio, que foi coordenador da campanha de Fernando Collor no DF, é bem cotado.

## Sindicatos influem no pleito

Sem tradição política e até considerado "volátil", o Distrito Federal deverá se voltar, durante as eleições deste ano, para uma área em que se encontra especialmente forte e articulado: o sindicalismo. Esta é uma das considerações de Ricardo Penna, diretor do Instituto Soma — Opinião e Mercado, ressaltando que cerca de 50 por cento da população ativa da cidade estão vinculados a sindicatos ligados ao PT. O resultado disto, sobretudo no que diz respeito à disputa pelas 24 vagas da Câmara Legislativa, será "muito voto corporativo" e uma "porção de eleitores corporativos também".

Qualificando Brasília como essencialmente oposicionista, Penna aponta fatores que, conforme as pesquisas, fundamentariam este comportamento político. Ocorre que, mesmo com a falta de parâmetros — "Brasília não tem grandes líderes" — e ausência dos chamados "currais" —, existe geograficamente uma proximidade única "às articulações do poder". Os estudos revelam, como comentou, que a população é "mais informada e mais politizada" do que as de outros centros urbanos.

Aliás, a Soma, durante a campanha presidencial, percebeu dados extremamente curiosos. Sobretudo no primeiro turno. "Brasília antecipava tendências nacionais. Dava o tom da eleição", enfatizou. Exemplos não faltam. Penna lembra ter sido na cidade que o presidente eleito, Fernando Collor de Mello (PRN), "cresceu e caiu mais rápido nas pesquisas". Cita também que na medida em que Collor começou a receber menos intenções de voto na cidade, o nome do deputado Guilherme Afif Domingos foi aparecendo como grande opção.

Os dois fenômenos só se espalharam pelo resto do País após algum tempo. Até que, finalmente, praticamente na véspera da eleição, o tucano Mário Covas conquistou uma fatia significativa dos eleitores. E mais uma vez a reviravolta na campanha foi notada primeiro em Brasília. "O mesmo aconteceu com Lula", ressaltou Penna.

As vésperas de completar 30 anos, Brasília contaria ainda com outros fatores que sustentam seu comportamento político. "Dentre outros, é um conjunto de habitantes com porcentagem de todos os estados da Federação", destaca.